



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

O RACHADOR DE PIÕES

por ANÃO SABICHÃO

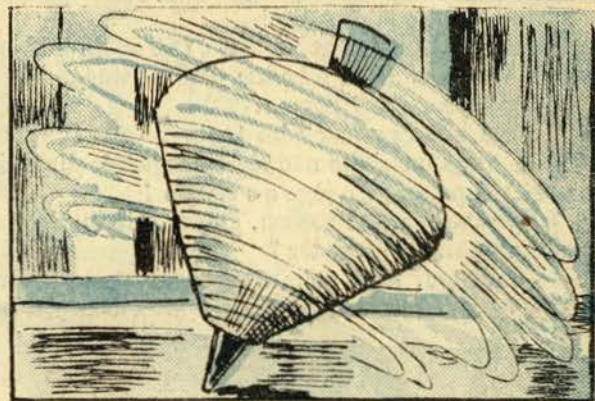
MAIS uma vez, o vosso Anão, meus queridos meninos, inventou uma diabrura para emendar o estúrdio do Manuelzinho que era um ás no jogo da roda.

Naturalmente todos vocês que me lêem, sabem, tão bem como eu, o que é este jogo.

Mas, pelo sim pelo não, pode ser que algum haja que não conheça, nem de nome, o famoso jogo e por isso vou aqui explicar, o melhor que puder e souber, a maneira como ele se joga.

Faz-se uma roda no chão e o pião gira dentro dela. Com o impulso que leva, quando acaba de bailar, deve sair para fóra da roda.

Mas se pelo contrário, ficar lá dentro preso, ou-



tros piões são jogados sobre ele, para que, com seus bicos afiados, o partam.

Perceberam, não é assim ?

Ora o Manuelzinho da minha história, como já lhes disse, por causa da sua tinêta pelo jogo da roda, não estudava e mais nada fazia, senão jogar.

O motivo também era porque ficava sempre vencedor, pois tinha um danado dum pião que nunca ficava na roda e o seu bico afiado era o desastre de todos os outros !

Enquanto girava, o pião do Manuelzinho ia sempre cantando :

— Ligeiro, a bailar,
eu vou pelo ar
com tal movimento
que pareço o vento,
quando, em torvelinho,
corre ligeirinho,
giro, giro, giro,
e os piões em furo,
com o meu bicanço.

Bailo, sem descanso,
que bom que é bailar,

na roda, a girar,
e depois fugir,
a troçar, a rir,
p'ra fóra da roda,
com a pressa tóda,
p'ra depois voltar,
de novo a atacar,
os outros piões
que, mais molengões,
na roda ficaram,
pois não se escaparam,





e agora indefesos,
na roda estão prêsos.

Ai! o que eu vou rir,
porque os vou partir!—

Calculam o que o Manuelzinho se entusiasmava ao ouvi-lo e a certeza que ganhava, tornava-o um toleirão de alto lá com êle!

Mas os pais e os professores é que andavam bem arrelhiados com a sua mândria para o estudo.

Tudo tem o seu lugar.

Nem tanto ao mar nem tanto a Terra!

Se o Manuelzinho não fôsse exagerado dividiria o seu tempo, entre o jôgo e o estudo!

Que partida, me passou, então, pelo toutiço fazer ao incansável jogador?

Meter-me, nem mais nem menos que, dentro



do pião. Muito despreocupado, certo que o seu pião seria sempre vencedor, o Manuelzinho ficou pasmado quando o viu a bailar muito mal, girando, como por favor, ao chegar a ocasião de sair da roda, em lugar da cantilena cheia de vida que costumava cantar, ouviram-no murmurar, muito molengão:—(era eu que falava, como calculam!)

— Já estou bem cansado,
de tanto bailar,
quero-me deitar!—

E o caso é que eu o fiz cair para o lado!

Os outros rapazes que entravam no jôgo, quando tal viram, apressaram-se a atirar os seus piões sobre o inimigo e desataram tôdos a bailar, com muita fúria, dando pancadaria no pião, onde eu estava metido, até que um, mais forte, num tremendo encontro, lhe fez um buraco.

— Ai! Ai! Ai!— gemi eu levando a mão á testa, onde a pancada me fizera um grande galo!

Os pequenos quando me viram, bateram as mãos divertidíssimos com o caso, mas quiz-me parecer que o Manuelzinho foi o unico que se riu com um riso amarelo!

Daí, para o futuro, tratou de seguir os meus conselhos.

Não deixou de ser um ás no jôgo da roda, mas agora só nos intervalos do estudo é que pega no pião, com medo que eu torne a fazer-lhe alguma das minhas!



LIÇÃO DE DESENHO — COMO SE DESENHA UM COMBOIO A SAIR DO TÚNEL

A JURA DE EGAS MONIZ

POESIA PREMIADA EM CONCURSO ABERTO PELA SECÇÃO CULTURAL INFANTIL DA EMISSORA NACIONAL

Em tempos que já lá vão,
Nesta terra portuguêsã,
Mui nosso amado rincão
De tanta e tanta beleza,

Um Afonso denodado,
De francêsã descendência,
Após tanto ter lutado
Pela nossa independência,

Em Guimarães foi cercado
Por Afonso de Castela,
Para impôr ao «revoltado»
Uma execranda tutela.

O português, qual leão
Enjaulado numa cela,
Não quiere qualquer condição
Por reles que seja ela.

Seu aio Egas Moniz,
Denodado cavaleiro,
Viu bem a sorte infeliz
De tão longo cativoiro.

Procura o rei inimigo
E eis lhe garante a certeza
De que Afonso é seu amigo
Nesta terra portuguêsã.

E' o cerco levantado...
Pois o grande Egas Moniz
A honra tinha empenhado
Como penhor do que diz.

Consequindo a liberdade,
O seu pupilo valente,
Grita com sinceridade :
—«Portugal Independente!»

Também era português
O seu aio muito amado,
Mas lembrou-lhe muita vez
O que êle havia empenhado.

Porém, nada Afonso escuta,
Nem quer' que lhe lembrem tal !
E continua na luta
Para o bem de Portugal.

Egas Moniz não olvida
O seu nobre juramento ;
E até com risco da vida
Deseja o seu cumprimento.

Toma os filhos e mulher,
(Os seus entes muito qu'ridos)
Baraço ao pescoço quere,
E de alvo todos vestidos,

Parte, então, para Toledo
Onde essas vidas entrega,
Leal, valente, sem mêdo,
Tal qual em qualquer refrega.



Ante o rei e sua côrte,
Egas Moniz e os seus
Fala ao rei : (Sentindo a morte
E pondo os olhos nos céus :)

Fica o rei petrificado
Ante tal nobre atitude,
Pois nunca, no seu reinado,
Vira tamanha virtude !

—« De Castela, oh ! nobre Rei,
Toma a minha e estas vidas,
Pois doutra forma não sei
Ver minhas juras cumpridas!»

Concede-lhe o seu perdão,
E abraça o homem leal
Por tanta abnegação
Em nome de Portugal !

MARIA FERNANDA GONÇALVES — 15 ANOS DE IDADE

PARA OS MENINOS COLORIREM



CARTA ABERTA AO ILUSTRE ANÃO SABICHÃO

Por LEONOR de CAMPOS
Desenhos de A. CASTANÉ

Senhor Anão Sabichão,
muito ilustre, espertalhão:

Para um caso bem bicudo
eu rogo a sua atenção.
O senhor, que sabe tudo,
dê-me a sua opinião...
Vou contar, senhor Anão:



É uma história triste, que quasi faz chorar...
Conheço certo menino, chamado... chamado...
chamado... — não digo o nome para não o envergonhar
—, que é tão guloso, tão guloso, que até faz aflição.
Esse menino — podemos chamar-lhe Gigi, não é ver-
dade? — por mais castigos que apanhe, por mais
lições que se lhe deem, não se emenda.

A mãe do Gigi cansa-se a recomendar-lhe:
— «Gigi, não comas tanto!...»
— «Gigi, tem cuidado!...»
— «Gigi, olha que te faz mal!...»
Mas êle, insensível aos pedidos e recomendações
da mãe, continua a comer, a comer sem parar.
É claro que tem tido os seus desgostos. De vez
em quando aparece muito vermelho, os olhos brilhan-
tes, a queixar-se:
— «Mãizinha dói-me tanto a barriguinha e a ca-
beça!...»
E o Gigi, cheio de febre, lá vai para a cama, com
uma valente indigestão.
Mas o meu querido Anão Sabichão julga que êle
se emenda? Qual história!...

Nos primeiros dias em que fica na cama, a beber
caldos e água fervida e principalmente quando o
obrigam a tomar um certo óleo da sua particular em-
birração, o nosso Gigi promete e jura não tornar a ser
guloso.

Mas... inda não está curado por completo e já
esqueceu as promessas e as juras!...
Imagine, o meu amigo, o tormento da pobre mãe
do tal menino!...

Há pouco tempo sucedeu um caso que mostra bem
a força do Gigi:

Como de costume, depois de ter comido brutal-
mente, o Gigi adoeceu. Esteve muito, muito tempo
de cama.

Quando o obrigaram a tomar o tal óleo de que
falei há pouco, prometeu solenemente emendar-se.

Pois no dia seguinte, ainda tinha febre e já êle
gritava, como um desesperado:

— «Quero comer!... Tenho fome!... Quero pão!
... Quero bolos!... Quero muitas batatas!...»

É tal barulho fazia e de tal forma respondeu á
Mãe, quando esta lhe explicava o motivo porque o

Gigi não podia comer, que ela agarrou numa escova...
e... e... O senhor Anão compreendeu já, de certo, como
acabou o berreiro...

Quando, alguns dias depois, o Gigi se levantou da
cama, seria natural que êle, lembrando-se do que
passara por ter sido glutão, não voltasse a comer
demasiadamente.

— «Gigi — recomendou-lhe a mãe, apenas o viu
de pé. — Agora é preciso muito cuidado!... O menino
não torna a comer coisa alguma, sem minha licença.
Percebeu?»

— «Sim, Mãizinha...»
Ainda não decorrera uma hora e o Gigi era apanha-
do num quarto, muito escondido, a comer pinhões ás
mãos-cheias!...

Como é de presumir, apanhou um severo castigo.
Mas emendou-se? É triste!... Custa-me bent
dizê-lo:

Não!...
E tanto que ainda ontem, ao ver no *Pim Pam Pum*
a figura airosa e desempenada do senhor Anão Sabi-
chão, o Gigi, depois de o mirar e remirar, perguntou!

A HISTÓRIA DE UNS MALMEQUERES



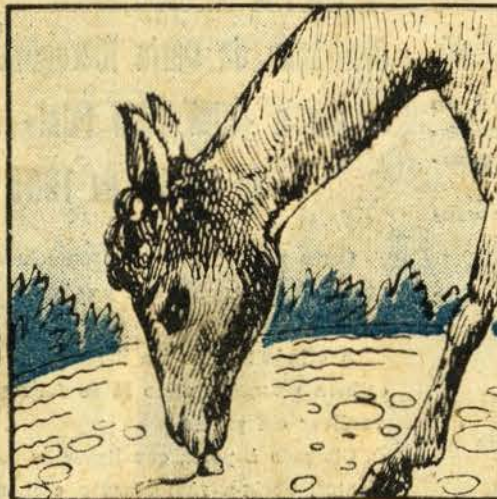
I — Num certo Reino de Fadas,
existia um malmequer
que era má; pois se uma Fada
acaso o ia colher,
desprendia uma das pétalas,
e, em lugar de *bem-me-quer*,
só dizia: — *pouco ou nada!*



II — Ora, uma vez, essa Fada
ao desfolhá-lo, no intuito
de saber se ela era amada,
reparou que, em vez de muito,
êle lhe dizia: — *nada!*...
Raivosa, em gesto fortuito,
atirou-o para a estrada.



III — Passa tempo e está-se a ver;
— uma cabrinha passando,
vendo ali o malmequer
sem folhas, eis senão quando
logo o resolve comer;
e eis o destino nefando
reservado ao malmequer.



IV — Entanto, o Príncipe Algér,
nêsse País de Bom-tom,
colheu outro malmequer
mas um outro que era bom,
e que, só por assim ser,
teve a dita, teve o dom
de lhe dizer: — *bem-me-quer!*



V — Logo arremessa, contente,
a carola desfolhada...
Mas esta, tendo semente,
renasce à beira da estrada,
germinando florescente.
Eis a sorte abençoada
de quem não é maldizente.



Por ABELHA MESTRA

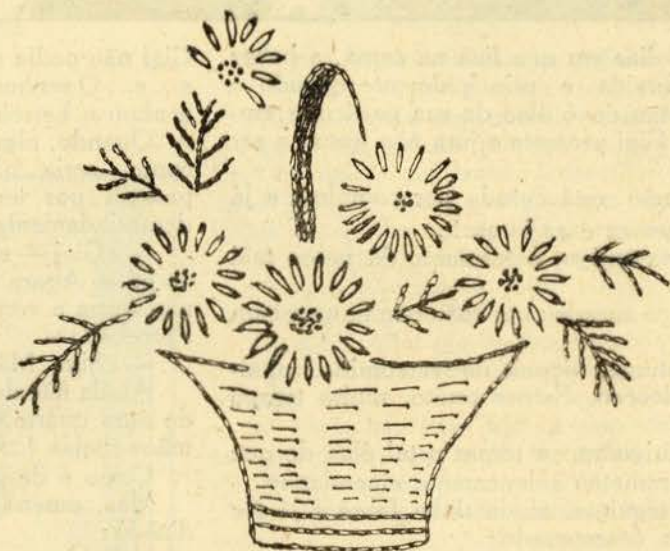
Minhas Abelhinhas

Aqui têm este cestinho que, decerto, as vai tentar pela sua fácil execução, pois é um trabalho que se faz a vapor! Ora vejam:

As florinhas são feitas com um único e largo ponto de recorte que se prende, depois, com um pontinho, mais pequenino, em cada extremidade.

As folhas fazem-se em ponto pé de flôr, de côr verde.

As flôres serão de côr escolhida por vocês, o que é preciso é que façam contraste com o fundo do tecido em que forem bordadas; isto é, escolhem uma côr que se veja bem no tecido em que forem feitas.



Podem aplicar este bordado, repetindo-o, para um serviço de chá, *napperons*, ou para tudo que vos apetecer!

E, assim, o cestinho ficará gracioso!

VOSSA ABELHA MESTRA

— «O' Mãezinha, de que tamanho é o Anão Sabichão?»

— «É' conforme, meu filho. Uma vez é do tamanho do meu dêdo polegar. Outras vezes, encolhe-se, pequenino, muito pequenino para passar despercebido aos olhos dos meninos maus...»

— «Ai! Muito gostava eu que êle um dia se lembrasse de se esconder na minha bôca!...»

— «Para quê, Gigi?»

— «Para o comer. Deve ser bem saboroso êste Anãozinho!...»

Veja pois, senhor Anão:
Tenho ou não tenho razão?
Não é caso muito triste
ter um menino glutão,
que come tudo o que existe
e até é tão papão,
que quere comer um anão
tão ilustre e sabichão?!...

Por favor senhor Anão,
já que tem tanta sabença:
um conselho, uma sentença!...

**Dicifração da Carta Hieroglífica inserta
em o «PIM PAM PUM» de 24
de Janeiro de 1935**

Certa noite Calino acordou sobressaltado por uns ruídos estranhos que provinham da sala contígua.

A criada incitou-o a investigar o que seria e, embora receoso, Calino lá se foi resignado e de revólver em punho.

Chegado à porta que ligava os dois compartimentos, abriu-a rapidamente e inquiriu para a escuridão:

— Quem está aí?

Uma voz, sêca e correcta respondeu:

— Ninguém!

— Ah! — exclamou. Iludi-me, então!

E tornou-se a deitar descansado.



A CONSTRUÇÃO DE HOJE

COMO SE CONSTRÓI O AVIÃO

EMBORA não o pareça, esta construção é muito simples. No entanto, para que não possam ter dúvidas de espécie alguma, aqui lhes indico a ordem pela qual deve ser montada:

1.º Colar a folha em papel almaço, vulgar e metê-la num livro grande, bem apertada, até que seque.

2.º Recortar e colar pela seguinte ordem

a) — As *âs*. Colar a partir do centro, (reparar nas setas) até ás extremidades.

b) — *Corpo* (carlinga e «capot»), parte mais complicada e que requiere muita paciência. Colar primeiramente

te a parte de baixo, começando da cáuda até ao motor. O *irradiador* é a última peça a colar-se.

c) — *Ligar a âsa ao corpo*, o que pode ser feito antes, ou depois de tudo colado.

d) — *Fazer à parte o estabilizador ou leme de profundidade* e o *leme de direcção* que se colam depois no corpo, no lugar correspondente.

e) — *Montantes do trem de aterragem* — que são colados ao corpo, nos pontos marcados pelos sinais «X» e «XI».

f) — *Hélice, aviador e pinturas* — Depois de feito o avião, podem pintá-lo com aguarelas. As *cruzes* são vermelhas o *leme de direcção* é metade verde e metade encarnado, o escudo nas cores usuais.

Muito gostava conhecer as vossas preferências. Estou ao vosso dispôr para os atender em tudo quanto desejem.

Tiotonio

CONCURSOS

Secção Infantil da Emissora Nacional

Epistolar



Maria Selena G. Garcia de Lemos



Marla Amella Pires Coelho



Maria Adélia de Barros



Alexandrina da Conceição Aparício



Afonso Antunes de Castro (Premiado)

UM AVIÃO

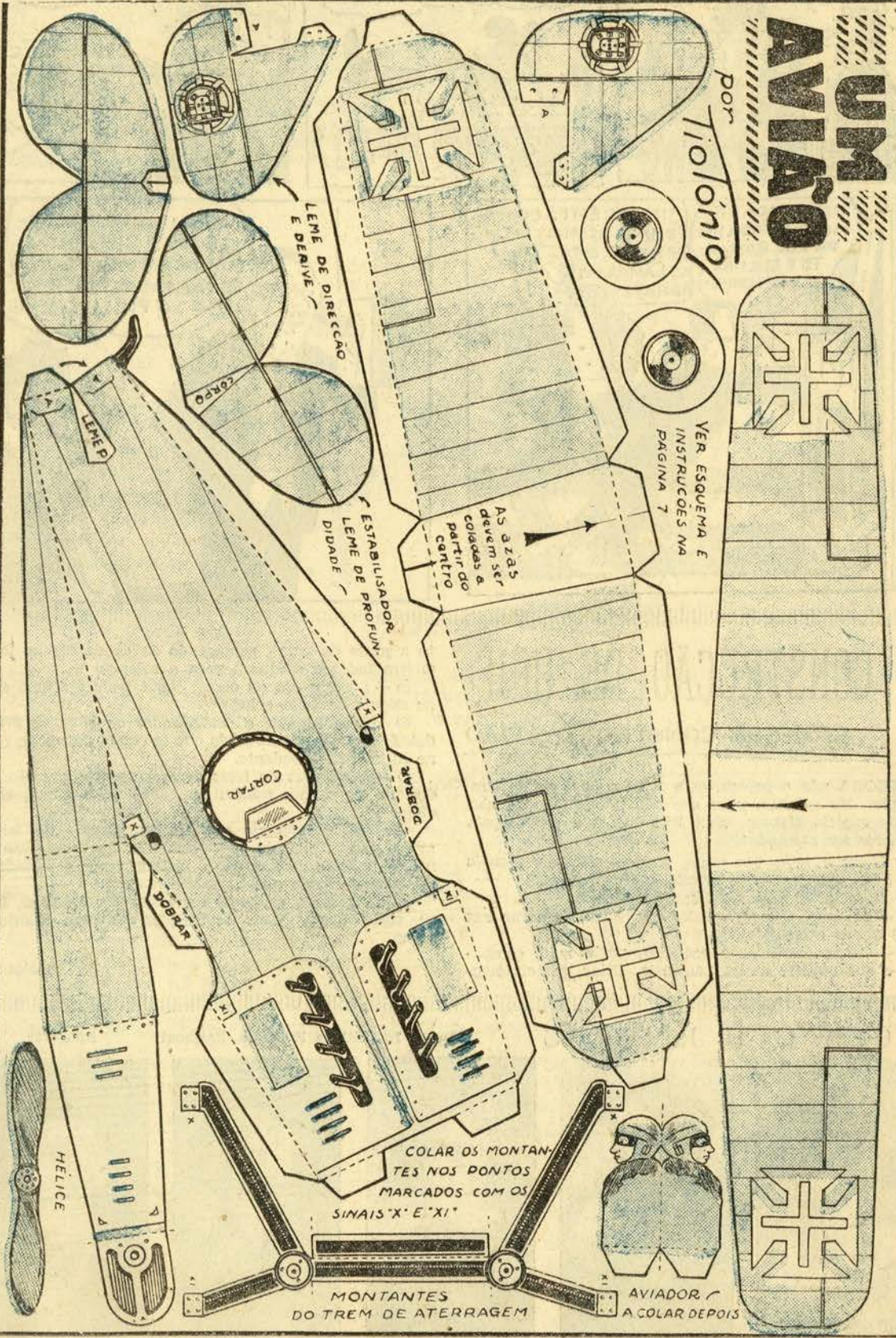
por Tolóbio

VER ESQUEMA E INSTRUÇÕES NA PAGINA 7

As asas devem ser coladas a partir do ponto central

ESTABILIZADOR LEME DE PROFUNDIDADE

LEME DE DIRECÇÃO E DERIVE



COLAR OS MONTANTES NOS PONTOS MARCADOS COM OS SINAIS "X" E "XI"

MONTANTES DO TREM DE ATERRAGEM

AVIADOR A COLAR DEPOIS

HÉLICE

LEME

CORPO

CORTAR

DOBRAR

DOBRAR

